



O Circo do Tio Gigio







A Miss Murzhynski estava de mau humor.

Da cozinha emanava um aroma a laranja e cardamomo. Aquilo agarrava-se a tudo, além de se enfiar pelo nariz da gata, infiltrava-se em todas as fendas e rachas, chegando mesmo a subir pelas escadas acima, até ao parapeito da janela preferida da bichana: a janela do sótão. A Miss Murzhynski adoraria esconder o nariz com a ponta da sua cauda ruiva e fofa, mas os gatos educados não fazem tal coisa. E se alguém da rua a visse a fazer aquilo?

Outra opção seria enroscar-se na velha poltrona do Sr. Snarflie, não fosse o facto de ele próprio já lá estar a dormir uma soneca. Além do mais, dali não se conseguia ver o que se passava na rua. E desde manhã que algo de estranho, ou mesmo de extraordinário, se passava lá fora.

Ao amanhecer, umas rodas pesadas ribombaram pela calma Rua Baunilha, quebrando impiedosamente o gelo fresco e fino que cobria as poças. Uma carroça, puxada por dois cavalos robustos de longa crina, oscilava e rangia como um sofá velho. As laterais de madeira estavam pintadas com padrões de cores garridas, e no tejadilho tilintavam sinos de cobre.

A carruagem ficou presa na curva do Beco das Ericáceas, a sua estrutura inepta era demasiado longa para aquelas ruas estreitas. Os cavalos tentaram curvar suavemente, mas acabaram





por derrapar para fora da estrada, fazendo com que as rodas traseiras da carroça se afundassem no terreno baldio da esquina, que estava coberto de lama fria, resultado da chuva intensa do dia anterior.

Foi com desagrado que, do parapeito da sua janela, a Miss Murzhynski assistiu a todo aquele cenário, já que a gritaria que de repente quebrou o silêncio da rua adormecida era deveras ensurdecadora. Duas figuras envoltas em longas capas escuras com capuzes empurravam a carroça, embora não conseguissem fazer com que os cavalos cansados se movessem. Por fim, a mais alta retirou um pedaço de papel de debaixo da capa, rabiscou qualquer coisa nele, enrolou-o e acenou com ele na mão.

Ouviram-se um assobio desagradável. A Miss Murzhynski ficou atordoada e, por instantes, chegou a pensar que os cavalos tinham crescido em proporções gigantescas e tinham criado asas. Naquele momento, a carroça mudou de direção, sacudiu as rodas no pavimento gelado e avançou pelo Beco das Ericáceas em direção ao centro da cidade.

A Miss Murzhynski ainda tentou voltar a dormir, mas ficou com enxaquecas. Logo depois, a Sra. Snarflie começava a tratar dos seus afazeres na cozinha, tornando aquela desagradável véspera de Natal em algo completamente insuportável.

«Porque é que será que as pessoas são sempre tão exigentes com os seus abomináveis doces natalícios? Porque não cozinham antes uma porção extra de enchidos, já que querem ficar a aquecer-se junto ao fogão por mais de uma hora?» pensava a gata.

A Miss Murzhynski entendia bem a necessidade de se manter quente, sobretudo num inverno como aquele, que tardava em começar a sério. A chuva era tanta, que até a própria humidade entrava em casa para se aquecer. Mas ainda assim, na opinião da gata, cozinhar um bom rolo de salsicha faria muito mais sentido do que um bolo rei. O sabor era muito mais



O CIRCO DO TIO GIGIO

agradável e, além disso, se os Snarflies não conseguissem comer o rolo todo sozinhos, ela própria ajudaria.

— Meu querido, se quiseres ir ao espetáculo desta noite, tens de pôr os enfeites no alpendre antes do almoço! — disse a Sra. Snarflie ao marido, no momento em que se aproximou da soleira da porta. Nesse momento apareceu também uma dose extra de aroma a bolachinhas vindo da cozinha. — O pinheiro dos Warflies está decorado desde ontem!

— Macacos me mordam! — retorquiu o Sr. Snarflie. — Mas que raio de competição é esta? Todos os anos tu e a Petúnia ficam malucas com os enfeites de Natal.

— Sem enfeites, não há espírito natalício! — respondeu a Sra. Snarflie, ofendida. E este ano, nem mesmo o inverno tem pressa de chegar. Onde é que já se viu montar um circo errante na praça, em vez das habituais esculturas de gelo?

— «Errante» não, «ambulante», — corrigiu gentilmente o Sr. Snarflie, — e não é um circo qualquer, é o circo do próprio Tio Gigio!

— Como assim, «do próprio»? — questionou a Sra. Snarflie.

— Bem, é isso mesmo, «do próprio»! — acrescentou o Sr. Snarflie, ressentido.

«Ora, ora, mas o que é se está a passar?» pensou a Miss Murzhynski, abrindo um dos olhos de soslaio, com surpresa. A bichana não se lembrava de uma única vez em que o Sr. Snarflie tivesse ficado chateado com a Sra. Snarflie. Mas eis que, naquele momento, o velhote franzia a testa e bufava, tal como a própria Miss Murzhynski, quando fora apanhada pelos miúdos malcomportados do Beco das Ericáceas.

— Miau, miau, — vociferou a gatucha. Depois, esticou-se e saltou docemente para o colo do Sr. Snarflie, procurando animar o dono. A gata compreendia que, quando alguém é considerado um tolo, tem motivos para ficar zangado. Além disso, é difícil engolir insultos em silêncio.

— Este é um circo famoso! É incomparável e é o único do seu tipo, — replicou o Sr. Snarflie febrilmente. — Sabias



que o Tio Gigio é realmente um macaco que consegue falar, e não apenas um homem disfarçado, como algumas pessoas dizem? Ele é tão inteligente que conseguiu juntar outros animais e criar uma verdadeira companhia de circo. Nem imaginas os truques que eles fazem! Não são meros cães adestrados! Desde criança que sonho em vê-los ao vivo...

— Os macacos não vivem tanto tempo, — objetou a Sra. Snarfle. — Onde é que já vai a tua infância! — Os teus netos já são crescidos! Sabes que esse macaco inteligente é um conto de fadas para os ingênuos, não sabes? Na realidade, o circo é dirigido por um homem, e os macacos vão sendo substituídos, quando são velhos e morrem. É apenas um ventríloquo que dá a voz ao macaco!

— Mrrrr... ! — ronronou a Miss Murzhynski diligentemente, e deu uma turra na bochecha do Sr. Snarfle.

«Será possível? A Sra. Snarfle sabe bem que o seu marido tem um coração fraco. Porque lhe diria ela coisas tão desagradáveis? E para quê aquele tom de insulto na voz dela?», pensava a gata.

Antes do almoço, o tempo mudou e tudo começou a ficar branco à nossa volta. As nuvens cobriram o céu e o solo arrefeceu. Os estranhos chuviscos que caíam desde o início daquela manhã transformaram-se em neve molhada.

A Miss Murzhynski movia cuidadosamente as patas, sacudindo a neve fria a cada passo. Por alguma razão, a neve colava-se-lhe à pata traseira esquerda, a que tinha a bonita «meia» branca. Mas a curiosidade era mais forte do que o desconforto. Que tipo de circo era aquele que tinha conseguido semear a discórdia entre os Snarfles?

A gata nunca tinha visto o casal a discutir. Claro que a Sra. Snarfle às vezes resmungava com o marido, quando ele adormecia na cadeira e era demasiado preguiçoso para a ajudar





nas tarefas domésticas, por exemplo, mas nunca chegou a ser uma discussão a sério. Agora, este maldito circo tinha conseguido pôr o casal em desacordo. Por isso, ela sabia que não podia esperar nada de bom daquele circo, ou de qualquer outro que importunasse a paz dos habitantes da cidade.

Na praça ainda não havia muita gente. Via-se apenas alguns pombos regelados, que se amontoavam na cornija de estuque que adornava a fachada da Câmara Municipal. Dois Pais Natais bebiam café quente em canecas vermelhas, enquanto os seus assistentes penduravam globos de neve brilhantes nas tuias que ladeavam a praça.

Pelo contrário, junto à fonte notava-se alguma agitação. Uma volumosa carroça de circo, ensanduichada entre um banco e um café, espreitava timidamente pelo beco estreito. À sua frente, pela praça adentro, estendia-se uma grande tenda de tons de azul, amarelo e vermelho. Aquelas cores vivas pareciam tanto um papagaio, que o pelo da Miss Murzhynski até ficou eriçado, a sua cauda contorceu-se de irritação, e uma onda de desagrado percorreu-lhe o dorso.

Os preparativos para o espetáculo daquela noite seguiam a todo o vapor. Uma pequena tenda branca e vermelha com uma janela minúscula foi montada ao lado da tenda principal. Dois artistas circenses andavam por ali a compor o corredor que ligaria a tenda à carroça. Quando a Miss Murzhynski se aproximou, a figura de um dos artistas pareceu-lhe estranha: caminhava de uma maneira instável e os seus braços eram desproporcionalmente longos.

— É mesmo um macaco, — disse a Pipa Mirtel, sentando-se ao lado da gata, a fingir que estava a fazer uma bola de neve. A tentativa não foi lá muito boa: ainda não havia muita neve, e a pouca que havia estava a derreter nas poças de chuva.

— Mi-au, então o que é que tu pensavas que era? — perguntou a Miss Murzhynski, semicerrando os olhos.

Não se pode dizer que a gata gostasse propriamente da Pipa, mas já há algum tempo que a tolerava sem a irritação





que lhe era característica, ao contrário do que acontecia com as outras crianças intrusivas e barulhentas. Quando alguém compreende o que dizemos, torna-se muito mais fácil chegar a um diálogo, e a Pipa compreendia-a.

— Bem... pensava que era uma pessoa mascarada de macaco, — confessou a menina.

— Só porque é inteligente, mi-au, significa que é necessariamente uma pessoa? — a Miss Murzhynski ficou ofendida.

— Bem, não necessariamente, — a Pipa apressou-se a explicar. — Mas diz lá se não é verdade que, para gerir um circo, é preciso ter mais do que apenas inteligência. Por exemplo, também é preciso ser capaz de negociar com a Câmara Municipal para requerer uma autorização para montar uma tenda na praça da cidade.

— O Tio Gigio sabe falar como um humano. Além disso, ele deve ter pessoas a trabalhar no seu circo — a gata não via qualquer validade no argumento da Pipa— Mas lamento que penses que só um humano é que consegue gerir um circo.

— Não foi isso que eu disse — começou a Pipa a explicar-se —, pelo menos, não era essa a minha intenção. A questão é que no circo tudo é mistificado. Olha os mágicos, por exemplo, a magia deles é pura ilusão, mas parece mesmo real, então, qual era o mal de haver uma pessoa disfarçada de macaco?

— Por isso é que, mais tarde ou mais cedo, a verdade vem ao de cima...

— Olha para o que estás a fazer! — alguém gritou.

O grito fez com que as duas «espias» se assustassem. A Pipa até perdeu o equilíbrio e acabou sentada na calçada escorregadia e encharcada de neve. Um dos trabalhadores do circo, aquele que as observadoras haviam constatado ser um macaco, também se contorceu e encolheu, como se estivesse à espera de levar alguma pancada.

— Aqui o pano não está fixo, e aqui também não, — disse o visitante, enquanto puxava, irritado, as pontas da lona grossa





O CIRCO DO TIO GIGIO

que estava esticada sobre a estrutura da tenda, e que lembrava o esqueleto de uma cobra gigante. —Isto é sabotagem!

Era um homem alto, cujas roupas não eram apropriadas para aquela estação do ano. Trajava um estranho robe de seda bordado com dragões vermelhos, e usava um chapéu de peles felpudo. Na mão, segurava um jornal enrolado e agitava-o como se fosse um pau. A Miss Murzhynski aproximou-se um pouco, tentando ver melhor o artista de circo. O gesto pareceu-lhe tão familiar que até lhe reavivou as dores de cabeça, ao lembrar-se da confusão daquela manhã, em torno da carroça atolada no terreno baldio.

— Pois, pois, e não te faças de sonso — continuou o homem do chapéu —, ou queres que o tigre se escape da tenda pela lona solta? — Enquanto dizia isto, ameaçava o velho macaco com o rolo de jornal.

Acusado de negligência, o macaco enfiou ainda mais a cabeça entre os ombros e correu dali a cambalear, para corrigir os seus erros. Fê-lo em silêncio, mantendo os olhos fixos no que estava a fazer, e só ocasionalmente lançava ao homem alguns olhares furtivos. O seu parceiro também fazia os possíveis para tentar passar despercebido. Mas é difícil ser-se discreto quando se tem uma estatura de um armário e cabelos ruivos fulgurantes.

— Se voltam a fazer das vossas, vão ter de se haver comigo — avisou o homem do chapéu.





A Pipa e a Miss Murzhynski trocaram olhares de preocupação. A voz do homem emitia uma clara ameaça.

— Bem, mas porque é que ele está tão furioso? — interveio a Pipa, assim que o homem do chapéu se afastou. — Senhor Gigio!

O macaco virou costas à rapariga, fingindo não reparar nela e não perceber o que ela dizia.

— Senhor Gigio! — A Pipa sabia ser insistente, quando era preciso (e quando não era preciso também). — É o Senhor, não é, Senhor Gigio? — Ela deu um passo à frente, com a intenção de agarrar o macaco pela manga.

A Miss Murzhynski considerava-se muito mais educada do que a Pipa, por isso teve o cuidado de se sentar um tanto ou quanto afastada, e procurou fingir que não conhecia aquela rapariga traquina.

A manobra da Pipa não foi lá muito bem-sucedida: o homem-armário atravessou-se no seu caminho, movendo-se de uma forma surpreendentemente suave e silenciosa.

— Ha ha! — o homem-armário grunhiu e abanou a cabeça.

— Mas é o Tio Gigio em pessoa! Eu reconheço-o da fotografia no cartaz, com um sinal em forma de coração na testa, — insistiu a Pipa. — Tenho tantas perguntas para lhe fazer! Por exemplo, quem era aquele homem tão rude? Vai haver tigres no circo esta noite? Ouvi-o falar deles, mas os tigres são enormes, como é que as jaulas couberam na carroça?

— Olha, miúda, — disse uma mulher estranha que apareceu de repente atrás da Pipa, — de uma maneira ou de outra, não vais obter nenhuma resposta às tuas perguntas.

Parecia que a mulher tinha posto aos ombros todos os xailes coloridos que bordara durante toda a sua vida. Até a sua saia era feita de xailes coloridos. Contudo, não foi a roupa que chamou a atenção da Pipa, mas sim a sua barbicha. Uma barba verdadeira! Loira e bem arranjada: penteada, aparada e até ligeiramente encaracolada, fazendo lembrar a barbicha de uma cabra. Além disso, uns pequenos chifres sobressaíam



O CIRCO DO TIO GIGIO

subtilmente por baixo das pontas do lenço amarrado à sua cabeça. Tudo isso e as notas subtis do balir da sua voz contribuíam para o aspeto caprino da senhora.

— Mas porquê? Eu até consigo falar com os animais, a Miss Murzhynski pode confirmar, — disse a Pipa, acenando com a cabeça para a gata.

Mas esta não estava feliz com a atenção que a Pipa havia atraído para si. E como é que ela poderia confirmar tal coisa, se ninguém, além da própria Pipa, a entendia?

— Miau! — consentiu a Miss Murzhynski, pelo sim, pelo não, em jeito de confirmação.

— O Gigio não fala. E o Marko também não, acrescentou a mulher, quando a Pipa se virou para o homem-armário. E eu não tenho alento para satisfazer a tua curiosidade, — disse ela, interrompendo a pergunta tácita da Pipa. — Vem assistir ao espetáculo e verás se há tigres ou não. Até lá, vai dar um passeio e não me incomodes.

— Ouve o que te digo: há algo de errado com este circo, — disse a Pipa, contorcendo-se no banco e esticando impacientemente o pescoço para observar a arena.

Faltavam apenas alguns minutos para o espetáculo começar. A música já estava a tocar, mas a arena ainda estava escondida na penumbra, e era impossível ver o que quer que fosse.

— Não duvides! — disse o Ricky, que estava sentado ao lado da Pipa, a mastigar bolachinhas de queijo. — Num circo a sério, o público seria entretido por palhaços. Mas, como sabes, no Circo do Tio Gigio só há animais, por isso já sabemos que não vamos ter palhaços. É uma pena.

— Chiu! Vai começar — sibilou o Sr. Snarflie para as crianças.

A Sra. Snarflie franziu o sobrolho em sinal de desagrado. Estava a dar festinhas à Miss Murzhynski, quando, de repente, a sua mão se imobilizou e os seus dedos começaram a apertar



com força o pelo ruivo da gata, que cerrou o maxilar, tentando conter-se e não estrebuchar.

Não foi preciso muito para convencer a Sra. Snarfle a sair de casa. Apesar de estar cética em relação ao circo, ela sucumbiu facilmente à persuasão do Sr. Snarfle. O mais difícil foi fazê-la compreender, a ela e ao marido, que os gatos também se interessam pelo circo, um circo a sério, onde os próprios animais atuam.

A Miss Murzhynski subiu ao banquinho da entrada e tentou convencer os donos com olhares ternurentos, pôs-se às turbinhas nas pernas do Sr. Snarfle, e até se empoleirou na mala da Sra. Snarfle. Depois de algumas tentativas falhadas, ela percebeu que teria de tomar as rédeas da situação e passar à ação. E assim foi: mal os Snarfles abriram a porta, a Miss Murzhynski escapuliu-se e desatou a correr em direção ao circo.

Sentado à bilheteira estava um homem roliço, que ela nunca tinha visto. Ele tinha uma expressão tão severa, que a Miss Murzhynski nem sequer tentou estabelecer contacto visual com ele. Por isso, contornou a tenda a rastejar pelo vão até ao corredor improvisado entre a carroça do circo e a tenda. O macaco e o homem-armário ainda não tinham fixado bem a lona.

Reconhecer os Snarfles entre os espectadores que enchiam a tenda do circo não era difícil. As luzes já se tinham apagado, o Sr. Snarfle ralhou em voz alta com a Miss Murzhynski, chamado-a de «gatinha marota», mas não a expulsou dali. E agora, ali estava ela, ao colo da Sra. Snarfle, interrogando-se sobre o que deveria fazer uma gata bem-comportada naquelas circunstâncias em que se envolvera, graças à sua curiosidade felina. Ainda bem que a Pipa se sentou ali mesmo ao lado dos seus vizinhos. Assim, ela teria alguém a quem pedir uma opinião, se precisasse. Depois afunilou os olhos e viu que o jornal enrolado que, entretanto, roubara do camarim estava exatamente onde ela o tinha deixado: debaixo do banco da fila da frente.





— Senhoras e Senhores, meninas e meninos! — ouviu-se dos bastidores. — O circo mais famoso do mundo, o Circo do Tio Gigio, dá-vos as boas-vindas!

A luz piscou e dois círculos brilhantes percorreram as fileiras de espectadores, passando depois a focar a figura que estava no centro da arena, com as mãos para cima. O macaco estava ali. Movia os lábios como se estivesse a falar, e era uma fala humana e real que se ouvia, vinda dos altifalantes. No entanto, a gata atenta reparou que as palavras vindas dos altifalantes não coincidiam exatamente com os movimentos dos lábios do Tio Gigio.

A Miss Murzhynski até desistiu do aconchego do colinho e levantou-se para ver melhor. Na sua excitação, tinha-se esquecido de controlar a cauda, que abanava de curiosidade, tal e qual um pompom.

— Nem pensar! Já estás a abusar — disse a Sra. Snarflie, e começou a empurrar a gata do colo.

Contorcendo a cauda num sinal de desagrado, a Miss Murzhynski lá foi ter com o Sr. Sanrflie, mas depois de pensar um pouco, decidiu que o melhor era ir para junto da Pipa.

— Não dê nas vistas, — sussurrou ela ao ouvido da rapariga, fingindo dar-lhe uma turrinha na bochecha. — Baixa-te e pega no jornal. Está ali-miau, debaixo do banco.

A Pipa baixou-se obedientemente. Para lhe abrir caminho, a Miss Murzhynski, saltou para o colo do Ricky.

— Ei! — gritou ele, indignado, porque o salto da gata fez com que deixasse cair o pacote de bolachas de queijo. Mas rapidamente se pôs em silêncio, assim que a Miss Murzhynski o enfrentou de olhos nos olhos.

— Chiu! Pouco barulho — sussurrou o Sr. Snarflie. — Acabem lá com a galhofa! Está a começar!

Afinal, não havia apenas animais no circo. O ruivo grandalhão tinha um número onde demonstrava a sua força: conseguia facilmente levantar pesos pesados, sem esforço aparente. Até conseguia levantar dois adultos em cada braço.



KSENIA TOMASHEVA

Entre as atuações, o próprio Tio Gigio aparecia na arena e entretinha o público, contando piadas. A Miss Murzhynski não podia dizer se eram realmente engraçadas, uma vez que os gatos não têm muito sentido de humor, mas, pelo menos, o público ria-se.

Depois vieram os tigres. Saltavam de um pedestal para outro, voando pelo ringue. Esta atuação deixou a Miss Murzhynski um pouco nervosa. Depois de vários saltos, acenderam um anel de fogo. Um dos tigres preparava-se para saltar através das chamas, balançando as ancas ao ritmo do tambor, para o impulso final.

Finalmente, conseguiu passar pelo anel de fogo, que parecia demasiado pequeno para um animal tão grande. Contudo, o tigre não voou através do anel do segundo pedestal, que também estava envolto em chamas. Prendeu-se nas bordas com as garras da frente e ficou suspenso no meio das labaredas.

O público susteve a respiração. O tigre fez um esforço e lá conseguiu trespassar o anel, o que fez o público suspirar de alívio e aplaudir a atuação com entusiasmo.



— Consegues ler algu-miau coisa? — perguntou a gata à Pipa, que estudava cuidadosamente o jornal que tinha apanhado do chão.

Durante o intervalo, acenderam-se as luzes intensas da tenda, pelo que a Pipa conseguia ver bem as letras.

— Sim, mas como é que isto é possível, se a peça ainda nem sequer acabou? — exclamou a rapariga. — O artigo é da edição de amanhã, e o próprio jornal é de há quarenta anos!

— Vê com miau-is atenção.





O CIRCO DO TIO GIGIO

— As letras parecem diferentes... — disse a Pipa, com hesitação. — Como se tivessem sido datilografadas numa máquina de escrever, e não impressas numa tipografia.

— É miau-mesmo! — a Miss Murzhynski acenou com a cabeça em sinal de aprovação.

— O que é? — o Ricky estava prestes a explodir de curiosidade.

— É um absurdo.

— É um absoluto mi-au-stério do circo, — acrescentou a Miss Murzhynski, mesmo sabendo que o Ricky não iria entender.

Não valia a pena adiantar muito mais. É verdade que ela vira tudo com os seus próprios olhos, mas ninguém acreditaria nela, mesmo se o contasse. Terão de descobrir por si próprios, tirar as suas conclusões, e só depois ela acrescentaria o que tinha visto.

— Dá cá isso — disse o Ricky, e arrancou o jornal das mãos da Pipa.

O artigo sobre o circo do Tio Gigio estava na primeira página. Na fotografia, o macaco parecia muito mais novo do que na vida real, mas era definitivamente o mesmo macaco que a Miss Murzhynski e a Pipa tinham visto no circo, só que muito mais feliz e sorridente.

— Esse não é o Tio Gigio — objetou o rapaz.

— Repara, ele tem uma marca de nascença na testa, do lado esquerdo — a Pipa apontou para uma marca clara em forma de coração. — É igualzinha à do Tio Gigio, eu já a vi de perto.

— Mas o macaco da foto ainda é um jovem macaquinho.

— Não é assim tão jovem... — respondeu a Pipa, insegura.

— Bem, mas não parece ser adulto, e o Tio Gigio já é velho.

— Diz aqui que o Tio Gigio inaugurou o espetáculo com as palavras: «Senhoras e senhores, meninos e meninas! O circo mais famoso do mundo, o Circo do Tio Gigio, dá-vos as boas-vindas!» — leu a Pipa. — Está tudo aqui detalhado. Porquê





escrever num artigo tudo o que os atores disseram? Acho isso um pouco injusto para aqueles que ainda não viram o espetáculo, revelar os mais pequenos detalhes. Estragam a surpresa toda.

— E, já agora, diz-me lá como é que o autor do artigo poderia adivinhar tudo isto? — insistiu a Miss Murzhynski.

— «O tigre ficou pendurado no anel de fogo do segundo pedestal...» — leu a Pipa. — Isto foi escrito como se o autor do artigo já tivesse visto este espetáculo em particular.

— Ou então repetem sempre esse truque de suspense, para provocar a exaltação do público — objetou o Ricky.

— Nem uma coisa, nem outra, — disse a Miss Murzhynski com um olhar astuto — olha para as anotações nas margens. O que é que diz lá?

— «Gatos = tigres», «A cabra é dona de si própria e toca pandeireta», «dragões», — leu o Ricky, enquanto a Pipa lhe ia traduzindo a fala da Miss Murzhynski, — isto não faz nenhum sentido... «O que está escrito no papel tornar-se-á realidade». Algumas inscrições parecem ser antigas, mas, por exemplo, sobre os dragões, são desenhos recentes a lápis... E aqui, quase impercetível, está: «Os macacos não falam, é escusado.»

— Está bem, vou contar-vos tudo, — disse a Miss Murzhynski, com um ar de misericórdia. O intervalo estava a chegar ao fim e por isso estava na altura de agir. — Eu vi como o homem do chapéu datilografava o texto do artigo à máquina. E estava a repetir os discursos do Tio Gigio para si próprio.

— E em que é que isso nos ajuda? — perguntou a Pipa.

— Não sei... mas está relacionado com o dragão. De manhã, quando a carroça do circo estava atolada na nossa rua... pareceu-me que os cavalos se tinham transformado em dois dragões. E eles não estavam de bom humor.

— E como é que sabemos que isso não foi apenas um sonho ou imaginação tua? — a Pipa queria acreditar na Miss Murzhynski, mas tinha algumas dúvidas.



— Certo, mas, e se não foi um sonho? Nesse caso, pode ter sido um feitiço. E qualquer feitiço pode ser quebrado, e tu sabes isso miau-to bem.

— Sim, mas como?

— Disseste que no jornal há desenhos recentes a lápis.

— Agora devem entrar em cena os cavalos, logo a seguir ao intervalo. — Enquanto a Pipa tentava resolver o mistério, o Ricky estudava o programa do espetáculo, que era descrito em pormenor no artigo do jornal.

O público já estava a regressar aos seus lugares e os Snarflies abriam caminho por entre as filas. O Sr. Snarflie estava radiante como uma criança que tivesse acabado de receber o seu presente de Natal de sonho, e a Sra. Snarflie estava novamente de mau humor. Ainda assim, não se tinha esquecido dos pequenotes: para a Miss Murzhynski trouxe um *snack* de carne, e para o Ricky e para a Pipa trouxe um saco enorme de laranjas e abóbora cristalizadas.

— Sra. Snarflie, por acaso tem uma borracha? — perguntou a Pipa, quando já todos estavam sentados.

A Sra. Snarflie olhou para a rapariga com surpresa, mas levou a mão à mala. Claro que tinha uma borracha. Todos sabem que se pode encontrar tudo na mala de uma mulher. E a Sra. Snarflie sempre foi uma mulher a sério.

As luzes apagaram-se e o espetáculo continuou. Uma parelha de cavalos correu para a arena e começou a curvar-se em todas as direções, varrendo o chão com a sua plumagem branca. A Miss Murzhynski reconheceu-os: eram os mesmos cavalos que puxavam a carroça pesada naquela madrugada. Olhou com mais atenção: no dorso do da esquerda havia longas marcas de chicote.

— Já está —o Ricky sussurrou, mostrando o jornal com as anotações sobre os dragões apagada.

—E agora? —a Pipa murmurou.

A atuação continuou a decorrer, sem nenhuma alteração.





— Vamos apagar o resto? — sugeriu o Ricky, e começou a apagar, sem esperar consentimento.

Mas mesmo depois de todas as anotações terem sido apagadas, não aconteceu nada de especial. O espetáculo continuou a ser realizado exatamente de acordo com o guião principal descrito no jornal.

— Provavelmente, a magia não está nas anotações — pensou a Miss Murzhynski em voz alta —, afinal de contas, o que o homem do chapéu datilografou foi o próprio texto...

— Mas isso não dá para apagar, — disse o Ricky, enquanto tentava, sem sucesso, apagar o texto com a borracha.

— De manhã, ele estava com o jornal enrolado na mão e fazia gestos com ele — recordou a Miss Murzhynski —, foi quando os cavalos se transformaram em dragões por um miau-mento.

— *Abracadabra* — murmurou o Ricky a brincar e, seguindo as instruções da Pipa, acenou diligentemente com o jornal.

E foi aí que tudo começou.

Os cavalos ergueram-se nas patas traseiras, e os seus focinhos e pescoços esticaram-se rapidamente. As plumas transformaram-se em cristas ósseas brilhantes, de tons de azul metálico e amarelo quente, e umas asas largas abriram-se nas suas costas. O relinchar transformou-se num rugido. Os dois cavalos deram lugar a dois dragões, que batiam as asas no meio da arena.

O público saltou dos seus lugares e ouviram-se gritos: alguns de susto, outros de júbilo. Tanto as crianças como o Sr. Snarflie pularam. Só a Sra. Snarflie é que continuou sentada, olhando para a arena com os olhos arregalados. Era difícil perceber a sua expressão, e o mais estranho é que ela nem prestava atenção a toda aquela agitação à sua volta.

— Zaya e Zoya! Tenham calma! — gritou o Tio Gigio, que entretanto entrou a correr na arena.

O macaco agitava os braços, agarrando duas maçãs em cada mão. O Tio Gigio balançava-se freneticamente de um



lado para o outro. Olhando de perto, a Miss Murzhynski reparou que ele também segurava maçãs com os pés.

— Marko, ajuda-me! — chamou o macaco, e a Miss Murzhynski pôde ver com clareza que os seus lábios se moviam em sintonia com as palavras, sem qualquer discrepância. Até a voz era diferente da que vinha dos altifalantes.

O Marko, o homem-armário, saltou em direção ao dragão azul e pendurou-se no seu pescoço. Uma cabra, vestida com lenços coloridos, saiu a correr da sala das traseiras, onde os músicos se escondiam durante a atuação, com uma pandeireta pendurada no seu pescoço.

— Marta! — a Sra. Snarflie ficou fora de si, abrindo um sorriso de alegria e saltando imediatamente do seu lugar.

— *Meeeeeee!* — gritou a cabra, e correu para a mulher através da multidão, saltando por cima das bancadas dos espectadores.

— Marta... — voltou a exclamar a Sra. Snarflie. As lágrimas corriam-lhe pela face, mas ela continuava a sorrir.

— Volto já — ronronou a Miss Murzhynski, e saltou para o chão. À saída da tenda, avistou um chapéu felpudo que lhe era familiar.

No entanto, nem a Miss Murzhynski nem o homem do chapéu tiveram tempo de fugir da tenda. O dragão amarelo que o próprio Tio Gigio estava a tentar segurar correu em direção à saída e soltou uma fina corrente de chamas. O chapéu do homem pegou fogo e ele gritou com uma voz fina.

— Nós temos um quarto de hóspedes, sugeriu o Sr. Snarflie.

— Não creio que seja adequado para dragões — o Tio Gigio explicou, abanando a cabeça — elas podem incendiar a vossa casa. Além disso, há mais de quarenta anos que a Zaya e a Zoya estão habituadas a dormir num estábulo.





— Então podemos preparar um estábulo no espaço da cozinha exterior — insistiu o Sr. Snarfle. — Era ótimo que pudessem ficar mais tempo. Olhem para a minha mulher: está radiante! Não imaginava encontrar ali o seu animal de estimação de infância, que era uma cabra. Ela nunca falava da Marta.

Deve ter sido mesmo muito difícil para ela. Era só uma menina, imaginem como se deve ter sentido: levou a sua cabra ao que pensava ser um circo verdadeiramente maravilhoso, mas acabou por ser enganada por bandidos, que simplesmente lhe roubaram a melhor amiga. E, afinal, o macaco nem falava. Depois disto, qualquer pessoa deixa de acreditar em milagres.

— Completamente! — disse a Sra. Snarfle, que entretanto aparecera calmamente à porta, com um tabuleiro cheio de guloseimas nas mãos. — Eu não deixei de acreditar em milagres, deixei de acreditar nas pessoas. Quem diria que estes bandidos eram ainda menos humanos do que eu pensava? Sabem o que eu fazia a estes laráprios, que durante mais de quarenta anos se aproveitaram do trabalho escravo de animais inocentes para lucrar? E pelo facto de terem tido a ideia de transformar estes pobres dragões em cavalos? Eu tê-los-ia simplesmente transformado num pote de barro, ou em algo do género.

— Podes sempre fazer isso, — respondeu o Sr. Snarfle, piscando o olho e inclinando a cabeça em direção ao jornal que estava em cima da mesa, logo ao lado da cadeira do Tio Gigio. A Miss Murzhynski aconchegou-se no colo do macaco e fingiu dormir uma soneca.

Depois de toda aquela confusão no circo, o jornal não se perdeu por milagre. Quando os dragões se acalmaram, o Tio Gigio falou com o Presidente da Câmara e contou-lhe a sua história. Assim, o Sr. Dursley (era assim que se chamava o homem do chapéu felpudo, que fingia ser o diretor do circo e que fazia todas as negociações para os espetáculos) e o seu cúmplice foram presos.

O espetáculo da noite foi cancelado, como é óbvio. No entanto, o Tio Gigio estava determinado: no dia seguinte era

